

Mais uma  
publicação da Assesoar.  
Resultado do Projeto  
Tecnologias Ecológicas.



# CAMBOTA

ANO XLI | Nº 270 | Outubro de 2015 | ISSN 1984-0845

Revista   
ASSESOAR

## A **CRISE** é da Classe Trabalhadora ou do Capitalismo?





# Revista **CAMBOTA**

Ano XLI – nº 270 – Outubro/2015 – ISSN 1984-0845  
A REVISTA CAMBOTA é uma publicação semestral da Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural - ASSESOAR  
Av. General Osório, 500 | Caixa Postal 124  
CEP: 85604-240 | Francisco Beltrão | PR  
Fone: 46 3524 2488 | assesoar@assesoar.org.br  
http://www.assesoar.org.br

### Conselho Diretor e Fiscal

Paulo de Souza, Gelsi Dutra, Paulo Roberto Czekalski, Edival Korb, Loeri Paza, Marcos Roberto Cigolini, Tiburcio José dos Santos, Rosemari Machado Daponte, Luiz Osório Felix da Silva, Julio Nuernberg, Claudioney Daleffe Wastchuk, Marlene Graauw.

### Conselho Fiscal

Nelcindo Hoffmann, Jandir Rodrigues, Ari Silvestro, Santa Terezinha dos Santos Sukenski, Marilene Maria Sotoriva.

### Equipe de escritório e campo

Amaro Korb Rabelo, André Duarte, Andreia F. Vansetto Soares, Felipe Fontoura Grisa, Janete Rosane Fabro, Neziane Folle, Ricardo Callegari, Rogéria Pereira Alba, Valéria Korb e Vilma Favero Marchiori.

### Equipe de estrutura

Claidy Antônia Guancino, Derly Guancino, Juliana Santos da Rosa, Marilúcia Padilha, Nair Mawieski Pinto, Salute Maria Cavasine Bordun e Suzana Gotardo de Meira.

**Estagiária:** Janaina Aparecida Faligurski da Silva

### Fotos e Imagens

Arquivo Assesoar e imagens da Internet

### Coordenação

Amaro Korb Rabelo

### Correção ortográfica

Sueli Bevilacqua Baleiro de Lacerda

### Projeto Gráfico e Impressão

Grafit Gráfica e Editora Ltda.

### Instituições Parceiras e de Apoio

Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor – CAPA, Sistema de Cooperativismo de Crédito Solidário – CRESOL, Sistema de Cooperativas de Leite – SISCLAF, Cooperativas de Produção da Agricultura Familiar – COOPAFI, Sindicatos e Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar – FETRAF, Movimento Sem Terra – MST, Cooperativa Iguazu de Prestação de Serviços – COOPERIGUAÇU, Rede Ecovida de Agroecologia, Movimentos dos Atingidos por Barragens – MAB, União das Cooperativas de Agricultura Familiar e Economia Solidária do Estado do Paraná - UNICAFES-PR, Instituto de Formação do Cooperativismo Solidário - INFOCOS, Universidades e Escolas Públicas, Órgãos Governamentais (municipais, estaduais e federais), Território Sudoeste do Paraná, Agências de Cooperação Internacional (PPM Pão Para o Mundo – Alemanha, CCFD – França e IAF – Estados Unidos).

### Sudoeste do Paraná – Brasil – Outubro de 2015

Revista Cambota / Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural – ASSESOAR. - ano 41, n. 270 (2015) - Francisco Beltrão: ASSESOAR, 2000.

Semestral

ISSN 1984-0845

Continuação do: Jornal Cambota, ano 1-26(1-247), 1973 – 1999. A partir do ano 34, n. 260 de 2008, foi atribuído ISSN.

1. Agricultura Familiar – Periódicos. 2. Educação do Campo – Periódicos. 3. Agroecologia – Periódicos. 4. Desenvolvimento Local – Periódico. I. Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural - Assesoar.

CDD – 050

Ficha Catalográfica: Sandra Regina Mendonça CRB: 9/1090



"CAMBOTA" é uma parte da roda da carroça, historicamente e ainda utilizada pelos agricultores familiares da região. Em 1973, João Nalo, agricultor em Santo Antônio do Sudoeste e associado da ASSESOAR, disse que "uma cambota isolada fica sem ação e quando juntas formam a roda que proporciona o movimento". Desde então a roda da carroça passou a ser o símbolo da entidade, e Cambota, o nome desta revista.

# Sumário



# 04

ASSESOAR | 50 Anos de História  
Vamos comemorar



# 06

A crise é da Classe Trabalhadora  
ou do Capitalismo?



# 10

Agroecologia como proposta  
produtiva.  
A experiência da Família Silva



# 14

Articulação Paranaense por uma  
Educação do Campo realiza  
Seminário Estadual na 14ª Jornada  
de Agroecologia



# 16

"República Unida da Soja"  
Controle produtivo e alimentar nas  
mãos de transnacionais



# 20

A Agroecologia como proposta  
produtiva para a Agricultura  
Familiar e Camponesa



# 50 anos de história: vamos comemorar

Profundas mudanças aconteceram no mundo, no Brasil e nas organizações dos trabalhadores que assumiram um projeto de sociedade através da luta contra a exclusão capitalista. Na sua história de 50 anos, a ASSESOAR tem contribuído na luta pela autonomia política da população trabalhadora diante de estruturas que oprimem e excluem. Conquistar autonomia significou também valorizar, apropriar-se, construir e reconstruir conhecimentos exigindo profundos e amplos processos de formação, desafio que hoje se renova e revigora.

A história das organizações lutadoras da cidade e do campo (sindicatos, associações, cooperativas, movimentos, partidos,...) contribuiu para os trabalhadores pensarem e projetarem um mundo radicalmente diferente do mundo capitalista. Permitiu construir e expressar os ideais da justiça social, da cidadania, da partilha dos bens sociais e culturais e dos meios de trabalho. Formulou a idéia da distribuição justa das riquezas bem como do cuidado com a terra e com todos os seus seres. Permitiu arrumar e formular o projeto político chamado Socialismo.

Socialismo como caminho para a democracia "do povo", negando a democracia 'para e pelo povo'. Esta Democracia participativa só se torna parcialmente possível no Capitalismo com organizações populares fortes e autônomas diante do Estado, do Governo e de seus mandatos. Organizações autônomas e livres diante das estruturas do capital.

Organizações que fazem sua luta cotidiana pelos direitos à terra, à água, às sementes, à moradia, ao alimento, à saúde etc. Um fazer diário no produzir, no comercializar, no alimentar-se, no educar, no divertir-se e no relacionar-se, assentado na solidariedade e na cooperação, no uso sustentável dos bens naturais, na partilha e na democratização do conhecimento, da ciência, da riqueza e do poder.

A história da construção e manutenção da autonomia é tensa

e conflituosa, porque faz parte de um projeto de sociedade distinto do projeto liberal, que substitui a interdependência social e solidária por formas de subordinação ao mercado, às empresas, ao Estado, às famílias e organizações autoritárias.

Numa sociedade em que predominam formas subordinadas de relações sociais e políticas, faz-se necessário formular e expressar críticas bem fundamentadas e construtivas, provocando a reflexão desde nossas famílias e organizações até a sociedade como um todo. Assumir uma postura crítica numa conjuntura como a que vivemos hoje provoca reações diversas, entendida por alguns setores e organizações como 'visão atrasada', 'isolamento', má vontade de construir ações conjuntas, entre outras.

Diante de toda esta história temos como objetivo geral reafirmar o processo histórico de resistência e enfrentamento, projetando uma sociedade justa e igualitária (socialismo). Como objetivos específicos: 1) resgatar a história dos 50 anos; 2) divulgar as ações; 3) projetar e reafirmar os próximos 50 anos.

Para dar conta destes objetivos há necessidade de dois blocos de ações: um, atividades, neste, seriam momentos comemorativos entre eles a Assembleia Geral Ordinária; festa das sementes; momentos culturais em comemoração nas microrregiões e encontro com os jovens da velha guarda da Assesoar. Dois: divulgar os 50 anos; para isso vai ser produzido um DVD comemorativo, uma edição especial da revista cambota, um livro, materiais de divulgação e lembranças.

Dessa forma, queremos contar com todos e todas para participar de nossas ações em 2016 para comemorar os 50 anos da Assesoar.

Por: Amaro Korb Rabelo e Gelsi Dutra



# A **CRISE** é da Classe Trabalhadora ou do Capitalismo?



A crise mundial é uma crise do próprio capitalismo e não dos trabalhadores. Apesar da crise não ser provocada pela classe trabalhadora, ela é chamada a pagar a conta. As crises clássicas do capitalismo são de superprodução, ou seja, produz tanto que não é mais capaz de gerar acumulação de capital, perdendo seu principal objetivo com a produção de mercadorias: o lucro.

No século XXI, um novo elemento é agregado à crise: o capital financeiro. Constituído pela fusão entre o capital atuante nas empresas de produção de bens de consumo e os bancos que controlam as redes de comunicação de dados e de informações, aproxima cada vez mais o capital industrial e o capital bancário, capaz de monopolizar num patamar ainda maior a riqueza produzida no mundo. O Brasil, nos últimos 12 anos e meio, dispôs de R\$ 2,5 trilhões com pagamento de juros da dívida pública federal. Só até 31 de agosto de 2015 foram 683 bilhões de reais, cerca 2.7 bilhões por dia. Diante desse contexto, o capital impõe suas exigências, obrigando o Estado a tomar medidas contra os trabalhadores. Isso está acontecendo porque os capitalistas estão insatisfeitos com sua acumulação.

No cenário geopolítico, o capitalismo também tem suas próprias disputas como o que está acontecendo na corrida pelo controle de mercado, entre EUA e seus aliados X China e seus aliados via BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Esta disputa é para reordenar o poder econômico e político mundial para as próximas décadas.

Neste contexto, o BRICS tem papel fundamental por estar constituído como um grupo político de cooperação que se fortaleceu nos últimos anos, com capacidade econômica, política e militar de, no futuro, assumir o controle da exploração das riquezas naturais e dos trabalhadores no mundo. No mês de julho de 2015, os líderes do BRICS assinaram o memorando de criação do Banco de Desenvolvimento (NDB - BRICS), com sede em Xangai, na China, com um capital inicial de US\$ 50 bilhões para investimentos em infraestrutura, passando a operar a partir de 2016. Esta instituição financeira será uma alternativa de empréstimos em relação ao FMI (Fundo Monetário Internacional) e Banco Mundial.

Ainda compondo o cenário, a América Latina

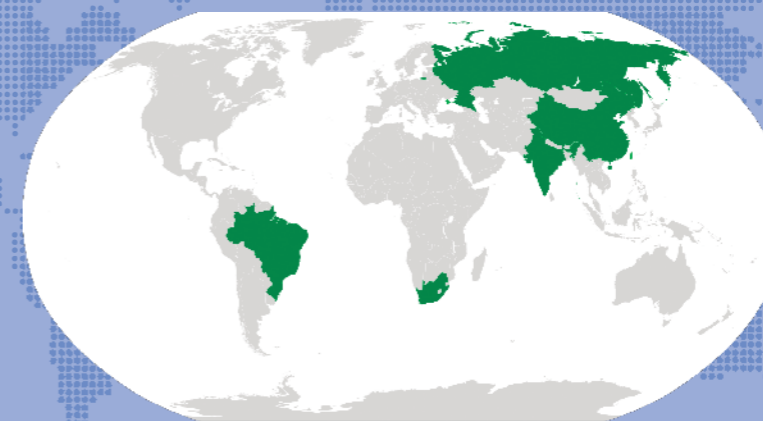
apresenta-se como importante território, seja pelas suas riquezas naturais, seja novo papel de organização política e econômica em torno da ALBA (Aliança Bolivariana para as Américas), MERCOSUL (Mercado Comum do Sul), UNASUR (União de Nações Sul-Americanas) e CELAC (Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos), fortalecendo a integração regional e criando uma nova forma de relação com o mundo.

Neste âmbito, o Brasil tem importante atuação política junto aos países da América do Sul e na relação comercial com a China e a Rússia. Este é um dos motivos da crise política pela qual o país vem passando, agravada com a crise do capitalismo. Outro país que vem sofrendo constantes ataques é a Venezuela, pelo seu potencial de produção do petróleo (garantia de energia) e sua posição contrária à política norte americana. Contudo, na América Latina, os EUA utilizam uma tática diferente de guerra, não opera com a ofensiva militar como nos países do Oriente Médio, mas faz uso da Guerra Política (desestabilização dos governos como foi a declaração de que a Venezuela é uma ameaça ao estado americano). Ou seja, a estratégia dos EUA com os países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento é de uma relação unilateral, mantendo a política de subordinação.

O Brasil, frente à estratégia geopolítica mundial, tem um grande potencial de recursos naturais, como: petróleo, água, minérios e grãos que são garantias de energia, indispensável para a geração de capital e, ainda, mão de obra para transformar estas matérias-primas em riquezas. Num primeiro momento, aliou-se à China, Rússia, Índia e África do Sul para garantir a abertura comercial de produtos primários, deixando de ser dependente das relações comerciais unilaterais com EUA e Europa, criando novos mercados. O BRICS é estratégico para o Brasil assim como as alianças construídas nos últimos 12 anos na América Latina (ALBA, MERCOSUL, CELAC, UNASUR).

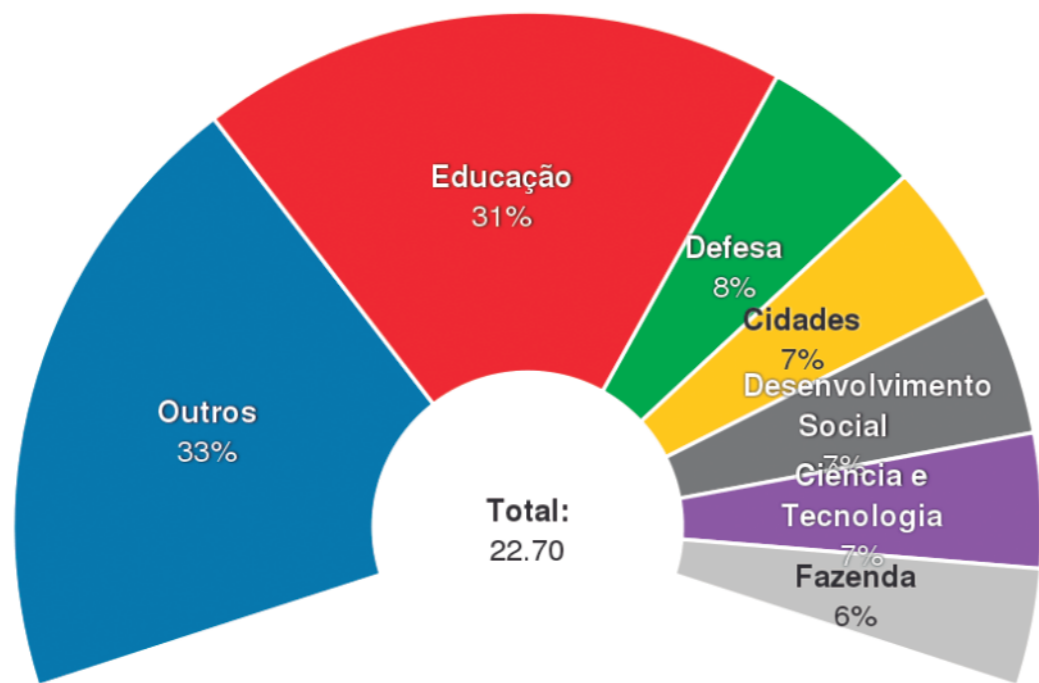
Em relação à estratégia interna, com a descoberta do Pré-sal, que ainda tem 170 bilhões de barris a serem explorados, tornando-se, uma das maiores reservas de petróleo do planeta, foi criado para a exploração o *Sistema de Partilha*, com a garantia de participação de 30% em tudo o que for explorado em barris de petróleo para o Estado e ganha a licitação a empresa que oferecer um percentual

## Países que fazem parte do BRICS



## Como foi distribuído o corte nos Ministérios

Valor bloqueado na Educação chega a R\$ 7 Bilhões anuais



Source: «Diário Oficial»

maior de lucro para o país. No caso do Brasil, a estatal Petrobras é que participa como única operadora, desenvolvendo tecnologia, gerando mais empregos e intensificando aquisição de bens e serviços do mercado interno.

Contrariando o Sistema de Partilha, o Senador José Serra - PSDB elaborou um projeto de lei - PLS 131/2015 que impede a participação obrigatória da Petrobras na exploração do pré-sal, deixando de atuar com o Sistema de Partilha e passando a atuar com o velho e conhecido Sistema de Concessão, no qual tudo que for explorado no período vigente do contrato é exclusivo da empresa, independente da quantidade de petróleo que for explorado, escoando o dinheiro do povo brasileiro para as sedes das multinacionais.

A partir dos investimentos e dos estudos em tecnologia que possibilitaram a descoberta do Pré-sal e o crescimento da Petrobras (apesar da mídia e dos setores da direita dizerem o contrário), o Brasil, nos últimos anos, vem fortalecendo projetos de infraestrutura com a Petrobras e as refinarias de Petróleo (Abreu & Lima e Pasadena), que agregam valor aos produtos derivados de petróleo. Como prova do crescimento da Petrobras é que até 2000, a participação do setor de petróleo e gás era de 3% no PIB, em 2014 passou a ser de 13%.

No setor Agropecuário, o Brasil entra como potencial produtor de grãos, carnes e biocombustíveis para exportação. Sendo este, um dos principais papéis assumidos no mercado mundial nas últimas décadas, investindo cada vez mais na área. Como exemplo, o plano safra 2015/2016 que incrementou em 20% os investimentos: 187,7 bilhões de reais para o Agronegócio e 28,9 bilhões de reais para a Agricultura Familiar. Ainda, como desdobramento do papel agroexportador do Brasil há os investimentos em infraestrutura e logística (ferrovias, portos e aeroportos) no valor de 130,3 bilhões de reais.

## O cenário Político e Econômico no Brasil

As eleições de 2014 apresentaram uma disputa acirrada, entre PT e PSDB. Nessa disputa, a população reelegeru Dilma Rousseff (PT) para a Presidência da República e Michael Temer (PMDB) vice presidente, para mais 4 anos de governo. A população que temia a perda de direitos, ficou otimista com o resultado. No entanto, surpreendeu-se quando a presidente faz a nomeação de Katia Regina de Abreu (representante da bancada do agronegócio) para o Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA, Joaquim Vieira Ferreira Levy para o Ministério da Fazenda, Roberto Mangabeira Unger como ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Este último está elaborando um documento sobre a Pátria Educadora, desconsiderando todas as discussões realizadas, há anos, pelas Conferências de Educação e o Fórum Nacional de Educação, com uma política clara do empresariamento da educação pública e privatização, entre outras nomeações que seguem a mesma linha política.

A opção do governo pelo ajuste econômico trouxe graves consequências para a classe trabalhadora, como a terceirização, o aumento do tempo para aposentadoria, regras do seguro-desemprego, concessão de benefícios, da segurança do trabalhador, corte de orçamento para projetos assistenciais e redução de 33% de recursos para os mercados institucionais - PAA e PNAE, para citar alguns exemplos das medidas que foram tomadas contra a classe trabalhadora nos primeiros seis meses do governo.

Ainda, para a Câmara dos Deputados e para o Senado, foi eleita a bancada mais conservadora desde 1964, segundo dados do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap). Uma confirmação disto são as

presidências da Câmara dos Deputados, com Eduardo Cunha, e do Senado, com Renan Calheiros, que, durante o primeiro semestre de 2015, atuaram contra a classe trabalhadora, com medidas autoritárias e antidemocráticas como a Agenda Brasil, que propõe: que o SUS deixe de ser universal, que, por critérios confusos passara a cobrar alguns atendimentos; dar prioridade ao sistema prisional (diminuição da maioria penal); demarcação das áreas indígenas compatibilizando com atividades produtivas; aumentar a idade mínima para aposentadoria; implementar o marco jurídico para o setor de mineração a fim de atrair novos investimentos. Essas são algumas das propostas da Agenda Brasil para continuar avançando contra os direitos dos trabalhadores e dos recursos naturais brasileiros.

A opção por esse projeto de desenvolvimento econômico não impediu que os impactos da crise capitalista atingissem a economia brasileira, agravando ainda a questão política, ficando clara a fragilidade do governo em abrir e manter diálogo com a população e com sua própria base.

Nesse quadro, a burguesia internacional junto com parte da burguesia nacional, através dos meios de comunicação, vêm assumindo a bandeira da corrupção, como uma forma de convencer a sociedade de que as empresas públicas são passíveis de corrupção e ineficientes. Isso serve como uma 'cortina de fumaça' para a estratégia de enfraquecer as empresas públicas e privatizar o patrimônio nacional.

Contudo, usar a bandeira da corrupção para criar o caos e colocar em risco a democracia, a economia, a segurança e as tecnologias desenvolvidas no país também não se pode admitir. Exemplo disso é a construção de refinarias, o projeto de Defesa Nacional (construção de um Submarino Nacional), entre outras obras de infraestrutura, que estão paralisadas a partir das investigações de desvios de recursos. Investigar, responsabilizar e condenar os responsáveis são questões imprescindíveis para a superação da corrupção, seja ela no setor público, seja no privado. No entanto, é preciso separar a investigação da estratégia de desenvolvimento nacional, ou seja, para fazer a investigação não é necessário que as obras de desenvolvimento nacional sejam paradas.



Fonte concessão e partilha  
<https://www.facebook.com/MovimentoSemTerra/photos/a.240334522705936.57672.111746705564719/971399312932783/?type=3&theater>

## Algumas Constatações

O PT, em seus 12 anos de governo, mesmo tendo criado muitas políticas sociais, não conseguiu avançar em políticas estruturantes como: fortalecer a industrialização, investir em tecnologia de ponta etc. Sem estas medidas, é forçado pelo capital a repassar a conta da crise aos trabalhadores que, fragilizados, dispõem de poucas condições de fazer o enfrentamento. Condições que têm permitido, tanto à direita como à esquerda, colocar o povo na rua.

As pautas reduzem-se à garantia de direitos já conquistados historicamente pelos trabalhadores e que, agora, estão perdendo. Assim, a classe trabalhadora não tem conseguido pautar o governo, favorecendo a tomada de direção econômica e política pela direita, que tem a mídia como ferramenta para convencer a população, traduzindo-se, hoje, na perda de direitos dos trabalhadores, no desgaste exaustivo do governo e de todas as forças progressistas e na privatização do patrimônio nacional.

Tal contexto de ameaça à democracia empurra as forças da esquerda a defender a reforma política, a se posicionar contra o impeachment, a defender as instituições públicas como a Petrobras, a Caixa Econômica, o BNDES e outras. Porém, ainda é preciso avançar nas pautas mais concretas dos trabalhadores e suas organizações, como a reforma tributária, o controle do capital especulativo e a taxação das grandes fortunas e das heranças. Enfim, a falta de um projeto claro, o distanciamento das bases organizadas e a pouca clareza política da classe trabalhadora têm favorecido para que a direita mantenha as rédeas do futuro brasileiro sob domínio dos interesses capitalistas.

Por isso, é urgente que o Brasil faça a opção pelo investimento: (1) econômico nos setores industriais; (2) tecnologia de ponta, acessível a toda a população; (3) educação pública; (4) realizar a reforma tributária; (5) criar mecanismos de controle do capital financeiro; (6) taxar as grandes fortunas; (7) novas alíquotas do imposto de renda numa escala progressiva; (8) reforma agrária, (9) reforma política; (10) e reforma do judiciário.

Aos trabalhadores é necessário: (1) a formação política e tecnológica; (2) retomar as lutas em defesa dos direitos atuais e conquista de novos direitos; (3) construir e pautar um projeto socialmente justo a todas e todos.

Por: Rogéria Pereira Alba, André Duarte e Paulo de Souza

## Agroecologia como proposta produtiva

# Experiência da Família Silva



“No início a mão de obra não era nosso problema, trabalhávamos em mutirão, o trabalho rendia.”

O agronegócio, através da massificação da produção de commodities para agroexportação, é o modelo adotado pelo Estado para o desenvolvimento do campo brasileiro. Tal modelo, baseado no monocultivo, no uso de transgênico e grande quantidade de agrotóxicos, é o destino do maior aporte dos recursos nacionais destinados para a agricultura, recebendo também (em função do poder financeiro das empresas do setor) grande destaque nas falas políticas bem como na grande mídia.

Nesse cenário, a produção agroecológica - realizada pela agricultura familiar e camponesa de todo o país - que tem em seu objetivo a produção de alimentos saudáveis para a população, segue praticamente sem incentivos estruturantes e o trabalho realizado por diversas famílias segue passando despercebido ao olhos de administrações públicas e dificilmente tem algum espaço de divulgação.

Na região Sudoeste, diante da forte ofensiva do agronegócio nas últimas décadas, muitas famílias agricultoras que produziam de forma orgânica ou agroecológica deixaram a produção de alimentos para passarem a produzir commodities. No entanto, mesmo nesse contexto adverso, muitas famílias permanecem firmes na conservação da biodiversidade, com produção de alimentos saudáveis, livre de agrotóxicos.

São exemplos destes agricultores e agricultoras, a

família de Sirlei e Adir Lino da Silva, do município de Coronel Vivida. O casal e o filho Adilsom residem juntamente com os pais de Adir, Olga e Sebastião, em uma UPVF de 16 hectares, na comunidade Bela Vista.

A história da família no local começou a ser construída há mais de 70 anos, quando os bisavós de Adir, vindos do Rio Grande do Sul, escolheram a encosta do Rio Chopim para viver. O tempo passou, ao longo dos anos as terras foram sendo divididas entre filhos e netos. Nessas divisões coube a Sebastião pouco mais de um hectare, área que foi crescendo a medida que o trabalho, principalmente na atividade da suinocultura, foi possibilitando a compra de outras áreas vizinhas.

Com o declínio econômico da suinocultura na região, a família passou a ter como principal atividade da UPVF a produção de sementes, em sistema de cultivo convencional, as quais eram entregues às empresas cerealistas da região. Com a baixa viabilidade da atividade, devido ao baixo valor recebido, com o passar do tempo, a produção de sementes para as empresas também foi deixada pela família.

Em meados de 1995, através da participação em atividades ligadas à diversificação produtiva realizada pela Emater local e também em atividades realizadas pela Assessor no município de Coronel Vivida, a família começou o



processo de produção de alimentos sem a utilização de agrotóxicos. A partir da produção da soja orgânica (produzida até 2003), a família começou a diversificar a UPVF, passando a produzir alimentos como amendoim, mandioca, batata doce e cana-de-açúcar, iniciando-se o processo de transição para a agroecologia.

Do processo de transição Adir relata que, embora a diversidade tenha aumentado a mão de obra, o principal problema foi o manejo das culturas, o controle de doenças e insetos. Segundo o agricultor, o problema da demanda de mão de obra era resolvido pelo trabalho em mutirão realizado em conjunto com outras famílias vizinhas.

*“No início a mão de obra não era nosso problema, trabalhávamos em mutirão, o trabalho rendia.”*

Para a família, a diversificação da UPVF foi a principal responsável pela melhor estruturação da Unidade e pela melhor condição de vida. Afirmam que, através dos planejamentos produtivos, é possível aliar diversidade produtiva à mão de obra existente na UPVF. Hoje, as principais alimentos produzidos pela família são hortaliças (mais de 10 tipos), frangos, frutas, porcos, cana-de-açúcar, milho, arroz, feijão, mandioca, batata doce, leite e panificações. Grande parte dos alimentos produzidos são certificados pela Rede Ecovida de Agroecologia, sistema participativo de garantia e conformidade orgânica, da qual a família

participa ativamente.

Ainda, referindo-se à diversidade produtiva, Adir salienta que além possibilitar mais segurança e renda, é uma forma de produzir através de uma atividade que complementa a outra, com a utilização dos elementos produzidos dentro da própria UPVF, trazendo assim autonomia para família:

***“[...] o milho alimenta os animais, os animais produzem adubo; os resíduos da agroindústria da cana são também utilizados como adubo; os resíduos das hortaliças vai para as galinhas.... você vai fechando ciclos. Se uma UPVF produz só uma ou duas culturas e depende quase totalmente de insumos externos pode-se dizer que é então de produção orgânica, mas não agroecológica. Agroecologia é diversidade, é fechar ciclos dentro da própria UPVF”***

Outro importante aspecto ligado à autonomia do processo produtivo e comercial é apontado na seguinte fala de Adir, quando compara a época em que produziam de modo convencional com o momento atual: “antes nós perguntávamos para as empresas quanto era o saco disso ou aquilo, hoje quando saímos vender nos perguntam qual o valor do alimento que produzimos”. Esta afirmação mostra que é possível maior autonomia e controle sobre os aspectos produtivos e comerciais quando se tem produção sem dependência direta do setor empresarial e do mercado convencional.

Atualmente, as principais formas de comercialização dos alimentos produzidos na UPVF são os programas institucionais, Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), juntamente com a venda direta nas casas dos trabalhadores da cidade. Segundo a família, os programas foram um dos principais avanços para a agricultura familiar nos últimos anos pois abriram novos canais de comercialização às famílias agricultoras, fortalecendo a produção de alimentos. No entanto, lamentam que em muitos municípios ainda não se aplique a política dos programas que preveem pagamento diferencial para quem produz alimentos orgânicos ou agroecológicos, o que poderia servir de incentivo para que mais famílias também passassem a produzir alimentos mais saudáveis. Porém, mesmo sem receber o valor diferenciado, salientam que a diversidade de alimentos entregue pela família aos programas tem garantido uma boa renda.

Embora tenha havido avanços, principalmente quanto à comercialização, a família diz que há ainda muitas carências; é necessário maior fortalecimento da agroecologia, principalmente como o desenvolvimento e acesso a tecnologias adaptadas a realidade das UPVF's, acompanhamento técnico e políticas voltadas para a sucessão familiar, as quais possibilitem que a juventude consiga construir seus sonhos e ter boas condições para permanecer no campo.

Quanto ao futuro, a família acredita que a agroecologia é o caminho, pois o modelo do agronegócio tem mostrado suas contradições, seus impactos; a conscientização da população para os riscos dos agrotóxicos tem aumentado e com isso a procura por alimentos saudáveis também tem crescido e crescerá ainda mais.



***“ Hoje tudo que produzimos vendemos e se nós produzíssemos mais teria venda. A demanda existe, a procura é grande. Até para os programas institucionais falta alimentos para a demanda que tem. ”***

Graças à grande demanda e com olho no futuro próximo, a família está replanejando a produção e pretende aumentar o cultivo de hortaliças, mas mantendo sempre a diversidade produtiva.

Por: Felipe Fontoura Grisa

# Articulação Paranaense por uma Educação do Campo realiza Seminário Estadual na 14ª Jornada de Agroecologia



Os movimentos sociais do campo, organizações populares, universidades e as 12 articulações regionais que integram a Articulação Paranaense reuniram-se durante a 14ª Jornada da Agroecologia no município de Irati. O objetivo foi analisar o contexto da educação pública no Brasil e o avanço das relações capitalistas, que afetam diretamente a Educação do Campo e que ações conjuntas, enquanto articulação, poderão ser tomadas para enfrentar o fechamento das escolas.

Assessoraram o Seminário Cecília Maria Ghedini, da Unioeste – Campus de Francisco Beltrão, Vanessa Reichembach da APP - Sindicato e Isabel Grein, do MST, com os temas: Empresariamento da Educação, os Movimentos Sociais Populares e a Educação do Campo; Histórico e concepção da Educação do Campo e da Articulação Paranaense; Contexto atual: carta de Candói e Plano Estadual de Educação.

Foi realçado como o controle das empresas na educação do campo é preocupante para a construção de um modelo alternativo de sociedade tendo em vista que elas impunham uma educação técnica para dar conta dos modelos produtivos modernos. O Programa Agrinho, por exemplo, amplamente difundido nas escolas, é uma forma de empresariamento ao passo que está vinculado a empresas produtoras de agrotóxico, tais como a Dow AgroSciences

e a DuPont. O programa ensina crianças a utilizar os agrotóxicos e a fazer o descarte correto das embalagens, passando a falsa ideia de que, com estes procedimentos, resolverão a contaminação do solo, da água e dos alimentos.

Uma problemática levantada a respeito da educação do campo é a dificuldade de se debater os conhecimentos coletivos construídos pelas populações do campo sobre a natureza e a sociedade. Em muitos casos, o que ocorre são debates distantes da realidade vivida pelos educandos, filhos de agricultores familiares e camponeses. A educação do campo só é eficaz na construção de um projeto alternativo de sociedade ao se articular com os camponeses para debater suas histórias, problemas, perspectivas e possibilidades. Ou seja, são os interesses dos camponeses que devem prevalecer e não os de grandes empresas interessadas somente nos lucros e na exploração do trabalho e da natureza.

No dia 24 de julho, a fala foi de Isabel Grein, liderança do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Problematicando sobre o “histórico, concepção da Educação do Campo e da Articulação Paranaense por uma Educação do Campo”. Para Isabel, é importante retomar a história da Articulação Paranaense para retomar a luta, compreender os avanços e os retrocessos para, a partir daí, construir um projeto do modelo de escola que se quer.



A educação deve ser pensada para além da escola. Deve pensar e superar a dicotomia entre campo e cidade. Para tanto, deve partir da premissa de como fazer a escola do campo uma escola da vida. Só se faz educação do campo ao conseguir explicitar os projetos que estão em conflito.

É necessário que se problematize como a educação do campo deve ser pensada a partir do campo, reconhecendo os conhecimentos dos camponeses. Outro ponto importante é que ela deve resgatar valores com o objetivo de reconstruí-los valorizando as experiências de vida dos camponeses e trabalhadores.

Soma-se a esses desafios apresentados para a classe trabalhadora e para os agricultores e camponeses, a capacidade de enfrentar e buscar ferramentas para impedir o fechamento das escolas do campo, realidade esta presente em todo o Brasil, pois, entre 2003 e 2014, foram fechadas mais de 37 mil escolas e, no Paraná, mais de 100 escolas fechadas somente em 2014. No Estado do Paraná há ainda o agravante de que, através da aprovação do Plano Estadual de Educação, foram retiradas todas as propostas referentes à Educação do Campo.

Tendo por base essas questões e a partir dos debates realizados e experiências discutidas, a plenária apresentou alguns pontos que devem fazer parte das lutas da Articulação Paranaense Por uma Educação do Campo:

- 1 - revisão da LDB e do adendo de 2014 que prevê que apenas a organização local seja a mediadora do impedimento do fechamento das escolas do campo. Os instrumentos legais devem proibir o fechamento das escolas e permitir a intervenção do governo federal;
- 2 - impedir a mercantilização e empresariamento da educação do campo;
- 3 - estabelecer medidas de enfrentamento e impedimento da elaboração e distribuição das cartilhas das transnacionais que fortalecem a educação rural e fomentam o esvaziamento da identidade camponesa, acelerando o êxodo rural;
- 4 - estabelecer políticas públicas e programas para que os movimentos sociais e entidades ligadas aos povos do campo possam produzir materiais didáticos e formação continuada para trabalhadores da educação;
- 5- garantir que os formados pelas licenciaturas em educação do campo tenham acesso a concursos públicos na área;
- 6- discussão ampla com a sociedade sobre o programa Pátria Educadora, promovida pelo governo federal;
- 7 - garantir 10% do PIB, exclusivo para a educação pública;
- 8 - articular a aproximação com o Ministério Público Estadual e Federal para impedir o fechamento de escolas;
- 9 - criar na SECADI um grupo de trabalho para discutir o Pacto Federativo, a federalização das escolas do campo e temas ligados à educação do campo;
- 10 - garantir que as CEFAS e Institutos Federais recebam recursos do PRONATEC;
- 11 - Garantir infraestrutura adequada às escolas do campo em todos os níveis de ensino.

Por Ricardo Callegari







## “República Unida da Soja”

# Controle produtivo e alimentar nas mãos de transnacionais



*Em nível mundial, o Cone Sul da América Latina é a região onde mais crescem os cultivos transgênicos; a região, formada pela Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Bolívia, tem a soja transgênica resistente ao glifosato como cultivo predominante.*

O que queremos com este texto é alertar sobre a insustentabilidade do modelo produtivo baseado na utilização massiva de insumos químicos e agrotóxicos. Não negamos os avanços tecnológicos relacionados à produção, mas referendamos que estes avanços devem ser de domínio dos povos e estar pautados na soberania alimentar, na promoção da saúde, na preservação da biodiversidade e não apenas nos lucros de poucas empresas.

Atualmente, a agricultura da América Latina é baseada na utilização de sementes transgênicas, especialmente soja e milho. Tal tecnologia, hoje, é baseada na resistência a herbicidas (especialmente glifosato), resistência a insetos (cultivos Bt) e resistência tanto a insetos como a herbicidas (transgênicos com genes empilhados - “Stacked gene”).

Devido a essa característica, o território tem sido chamado, principalmente por empresas do agronegócio, como “República Unida da Soja”, ocupando uma área de 48 milhões de hectares, ocupados por aproximadamente 12 milhões de pessoas.

A produção de soja e milho transgênico na América Latina é destinada principalmente à exportação para indústrias avícolas e suínas de todo o mundo, sendo a China o principal comprador. Nesse contexto, parte do dinheiro que chega da China pelas exportações de soja, regressa à China através da importação do glifosato genérico, sendo a Argentina (terceiro maior exportador mundial de soja) seu primeiro cliente.

As relações comerciais de agroexportação diferenciam-se de um país para o outro devido às relações geopolíticas, a exemplo do Paraguai e da Bolívia, os quais,

*Commodities são artigos de comércio, bens que não sofrem processos de alteração (ou que são pouco diferenciados), como frutas, legumes, cereais e alguns metais. Como seguem um determinado padrão, o preço das commodities é negociado na Bolsa de Valores Internacionais, e depende de algumas circunstâncias do mercado, como oferta e demanda.*

*A absorção de tóxicos é feita em pequenas quantidades, de forma repetida e muito prolongada no tempo. Não provoca a ocorrência de sintomas ou sinais suspeitos que permitam estabelecer uma clara relação entre causa-efeito. Trata-se de um processo silencioso que pode durar décadas.*

*O Sistema endócrino é o conjunto de órgãos que apresentam como atividade característica a produção de secreções denominadas hormônios, que são lançados na corrente sanguínea e irão atuar em outra parte do organismo, controlando ou auxiliando o controle de sua função.*

diferentes dos demais países, não têm saída para o mar. O Paraguai, com aproximadamente 3 milhões de hectares de soja transgênica, tem suas exportações dependentes da Argentina, do Brasil e do Uruguai, países para os quais exporta para posterior reexportação.

Na Bolívia, a soja representa aproximadamente 32% do total da superfície cultivada, representando em 2011, 54 % das exportações. Em 2012, os principais destinos foram os países da Comunidade Andina: Venezuela (37,6%), Colômbia (28,5%), Peru (16,7%) e Equador (9,1%).

No Brasil, grande quantidade da produção de milho e soja é destinada às exportações. Parte dela sai de maneira “virtual” através da exportação de carne, assim como na Argentina que em 2013, exportou aproximadamente 2 milhões e 800 mil toneladas de carne bovina, muita desta carne produzida a base de soja e milho transgênico.

No mundo a soja é o cultivo transgênico predominante, no entanto o cultivo de milho é o que mais tem crescido. Isso se deve ao fato de que o milho transgênico é mais atraente para as empresas da biotecnologia do que a soja, pois a produção não pode ser guardada para voltar a ser cultivada em função do hibridismo. Na América Latina, adotou-se a utilização do milho transgênico na Argentina, Brasil, Uruguai, Paraguai, Chile (só para a produção de

sementes), Colômbia, Panamá e Honduras. No México, mesmo sob grande oposição popular, há provas experimentais, e os grupos que detêm o poder pressionam fortemente para que se legalize a semeadura industrial em 2 milhões hectares, em lugares que o governo assinala que “não são centro de origem” desta gramínea.

A agricultura global, baseada em produção de **commodities**, ao longo dos anos não resultou somente na padronização da produção agrícola mas também da alimentação, com redução da diversidade alimentar. Hoje, grande parte dos alimentos comercializados tem como composição básica milho ou soja estes, quase na sua totalidade, são transgênicos.

Além da padronização alimentar e ainda com todas as incertezas do que a tecnologia transgênica pode causar ao organismo humano e ao ambiente, recentemente, no Brasil, foi aprovado pela Câmara de Deputados o Projeto de Lei (PL 4148/2008) que prevê a não obrigatoriedade da rotulagem apontando a presença de transgênicos para alimentos que tenham em sua composição final menos de 1% de organismos transgênicos. Tal medida tirará do consumidor o que é de seu direito, a opção de optar por não consumir, em qualquer porcentual, transgênicos. A nova proposta flexibiliza a Lei que, atualmente, não menciona qualquer porcentual de tolerância, disciplinando que sejam rotulados quaisquer produtos que contenham OGM.

**A**lém disso, em seus parágrafos, não há qualquer menção ao símbolo atualmente encontrado nas embalagens de produtos transgênicos ou que contenham transgênicos, aquele “T” envolto por um triângulo amarelo, pelo projeto esse símbolo deverá ser substituído pelas frases “(nome do produto) transgênico” ou “contém (nome do ingrediente) transgênico”, na prática isso significa que o alerta de conteúdo transgênico será substituído por aquelas pequenas frases que muitas vezes sequer são legíveis para os consumidores (Terra de Direitos, 2015. Aput. MST, 2015).





O projeto de lei, que agora segue para discussão no senado, foi pautado pelas empresas alimentícias e detentoras da tecnologia transgênica. Estas afirmam que transgênicos não causam danos à saúde e ao ambiente, aumentam a produção e reduzem o uso de agrotóxicos. Então, por que a pressão para mudança na lei? O rótulo marcando com destaque a presença de transgênico não deveria ser visto pelas empresas como uma propaganda?

Estudos realizados por organizações de pesquisas e ensino apontam que a produção de *commodities*, com contínuo avanço de cultivos transgênicos, tem provocado vários impactos sociais e ambientais. Um exemplo são os cultivos transgênicos com resistência ao glifosato, os quais têm provocado superutilização deste herbicida. Este fato é preocupante uma vez que vários pesquisadores de diversos países já apontam possíveis impactos ao ambiente e à saúde de quem produz e consome alimentos produzidos com uso deste herbicida.

Além disso, o uso contínuo de um mesmo tipo de herbicida, neste caso o glifosato, tem causado o surgimento de diversas plantas espontâneas resistentes a ele. Diante dessa situação, o que se propõe para enfrentar o problema é o desenvolvimento de novas sementes transgênicas resistentes a herbicidas ainda mais fortes, como o 2,4-D amina.

No Brasil, recentemente foi aprovada pela Comis-

são Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) o plantio comercial de sementes transgênicas de soja e milho resistentes ao 2,4-D. Ao liberar os novos transgênicos em nível comercial, os impactos na saúde e os ecossistemas vão multiplicar-se.

É importante ressaltar que, mesmo antes da liberação das cultivares resistentes ao 2,4D, este já era o terceiro agrotóxico mais utilizado no Brasil. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) classifica-o como Extremamente Tóxico (Classe I) para a saúde e perigoso para o meio ambiente (Classe III). Recentemente, a Agência Internacional de Pesquisa sobre o Câncer (IARC), ligada à Organização Mundial da Saúde (OMS), divulgou uma revisão sobre o agrotóxico indicando-o como provável cancerígeno para seres humanos.

A partir destas liberações, pesquisadores tem apontado que a tendência é um aumento de utilização desse agrotóxico, contrariando o banimento do princípio ativo já praticado em outros países, com base em sua toxicidade. Cabe ressaltar que o 2,4 D é um dos componentes do Agente Laranja utilizado pelos Estados Unidos para dizimar plantações e causar fome, além de desfolhar as matas e evidenciar as posições dos soldados Vietnamitas na Guerra do Vietnã. Do processo todo, ainda hoje, 40 anos após a guerra, o Vietnã sofre as consequências dessa substância química,

principalmente com o nascimento de crianças com má formação. Segundo a Cruz Vermelha, 150 mil casos de malformação congênita estão ligados a essa substância.

**Perguntamos a você, leitor e leitora, quais serão os efeitos na saúde da população brasileira ao intensificarmos o uso do 2,4D em lavouras de milho e soja?**

Para ampliarmos ainda mais o debate, é importante saber que o 2,4-D tem como destaque sua tendência de se espalhar mais amplamente no ar do que a maioria dos herbicidas, despejados por via aérea ou por terra. Tal característica compromete não só as demais produções agrícolas mas também toda a flora e fauna nativas e a própria saúde humana visto que, em ambientes fechados, como interior de casas, pode ficar ativo durante vários meses, via pó doméstico. Esse tipo de exposição diária doméstica, mesmo em pequenas doses, oferece o risco de uma **intoxicação crônica** que poderá desencadear efeitos prejudiciais ao **sistema endócrino**.

Portanto, adotar essa tecnologia, de forma massiva, comprometerá a saúde do ambiente e de toda a população, impactará drasticamente na produção de alimentos, contribuindo para a inviabilização das unidades de produção da agricultura familiar e camponesa, principais produtoras de alimentos para a população brasileira.

**Referências:**

OMS classifica 2,4-D como provável cancerígeno. Disponível em: <http://pratoslimpos.org.br/?tag=2-4-d> acessado 29/07/2015.  
Vietnã ainda sofre com químico jogado pelos EUA há 40 anos. Disponível em: [http://www.bbc.com/portuguese/videos\\_e\\_fotos/2013/09/130910\\_vietna\\_laranja\\_dg.shtml](http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2013/09/130910_vietna_laranja_dg.shtml) acessado 28/07/2015.

Novos riscos dos transgênicos na agricultura: o herbicida 2,4-D, componente do "agente laranja". Disponível em: <https://rsurgente.wordpress.com/2013/09/12/novos-riscos-resultantes-dos-transgenicos-na-agricultura-o-herbicida-2-4-d-componente-do-agente-laranja/> acessado 30/07/2015.

América Latina: la transgénesis de un continente. Visión crítica de una expansión descontrolada. Disponível em: <https://www.socla.co/wp-content/uploads/2013/11/Libro-final-Transgenesis-de-un-Continente-2015.pdf?iv=24> acessado 29/07/2015.

Câmara derruba obrigatoriedade da rotulagem de alimentos transgênicos. Disponível em: <http://www.mst.org.br/2015/04/29/camara-aprova-pl-que-derruba-a-obrigatoriedade-da-rotulagem-de-alimentos-transgenicos.html> acessado 29/07/2015.

É transgênico? <http://www.terradireitos.org.br/2015/05/27/e-transgenico>



Por  
Janete Rosane Fabro  
e Felipe Fontoura Grisa

# A agroecologia como proposta produtiva para a Agricultura Familiar e Camponesa



*Este texto foi elaborado a partir das falas de João Pedro Stédile na 12ª Festa Regional das Sementes e de um texto elaborado por ele mesmo segundo questões pré-elaboradas pela equipe da Assesoar.*

A matriz tecnológica da agroecologia, que compreende todas as técnicas de produção agrícola em equilíbrio com a natureza, não é apenas viável mas também, é uma necessidade para sobrevivência da agricultura familiar e camponesa. Essa afirmação deve-se ao fato de tal matriz envolver inúmeras técnicas e conhecimentos que exigem muita mão de obra e utilização dos insumos que existem na própria natureza. E isso somente a agricultura familiar e camponesa podem fazer, devido à característica de possuir pequenas áreas, trabalhar com a mão de obra familiar e diversificar a produção.

O agronegócio, como modelo de produção capitalista que tem como base a escala e mono cultivo, nunca poderá adotar a agroecologia porque ela baseia-se na produção diversificada de forma a atender as necessidades humanas respeitando a natureza. A visão de escala produtiva para o agronegócio não tem como base suprir as necessidades alimentares da humanidade e sim o lucro. Por outro lado, os agricultores familiares que quiserem copiar a matriz da revolução verde, adotada pelo agronegócio, baseado no mono cultivo e nos insumos químicos e nos agrotóxicos, irão à falência. Por mais que, num ou noutro ano possam até ganhar dinheiro como está acontecendo agora com a soja,

pelo fato dos preços inflacionados no mercado mundial, a médio prazo, ele terá que competir com a grande escala do agronegócio e nisso será sempre derrotado.

Esta derrota deve-se ao fato de que toda a matriz produtiva é adaptada a grandes áreas e há um processo de dominação da produção agrícola por 50 empresas. Estas não apenas controlam os preços que são praticados em todo o mundo mas também controlam o que e como produzir. Assim, a competição é desleal porque os pequenos produtores não conseguirão sobreviver devido ao seu limite de área, custo da tecnologia estabelecida por esta matriz e não dominar o processo de comercialização da produção. Para avançar no domínio da produção de alimentos e do lucro, o modelo produtivo do agronegócio têm, nos últimos 15 anos, reduzido a base produtiva em 5 grupos de alimentos. Dessa forma, 80% do alimento da humanidade reduziu-se a: soja, milho, arroz, feijão e sorgo. Não há diferença no gosto da carne de frango e suíno produzidos por uma empresa pois, todos se alimentam da mesma base, ou seja: a soja, mesmos grupos de vitaminas e minerais. Então tudo é derivado de soja!

A agricultura sempre produziu e produz o combustível diário, o alimento, para os seres humanos. Dessa

forma, as multinacionais podem controlar o que comemos e, se podem controlar nosso alimento, podem controlar nossa vida, nossa saúde. Não estamos tratando de um debate focado apenas no lucro, mas, na dominação da vida, não só animal e vegetal. Trata-se da vida humana.

Outro ponto a ser levado em consideração é que, no modelo do agronegócio, não cabe a presença de agricultores, pois os maquinários e o uso de agrotóxicos não necessitam de muitas pessoas para produzir. Ele está acabando com a profissão de agricultor. Cabe ressaltar que ser agricultor e agricultora é uma profissão, é aquele que cultiva o agro (terra), é quem, durante séculos, acumulou conhecimento e o praticou.

Atualmente, quem trabalha com as máquinas é o tratorista, e o conhecimento da produção está na empresa e não mais nas pessoas, nos agricultores e agricultoras.

Dessa forma, a agroecologia é uma necessidade para toda agricultura porque ela é a única que pode produzir alimentos saudáveis para toda população e aumentar o uso de mão de obra no campo. Então, a agroecologia é uma necessidade social para todo povo brasileiro, se quisermos combater os desequilíbrios climáticos e ambientais e se quisermos proteger o povo com mais saúde e menos venenos.



## Laudato Si' Louvado seja

sobre o cuidado da casa comum

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO



Na correlação de forças em favor de um outro modelo de sociedade, o Papa Francisco divulgou a encíclica em defesa do meio ambiente, da agroecologia e dos alimentos saudáveis. Ele tem constantemente se manifestado a favor de uma nova forma de viver e conviver com a natureza, e tem sido um pregador em defesa da vida e do bem estar de todos os seres.

Partindo do posicionamento do Papa Francisco, os desdobramentos e impactos certamente ocorrerão através de um efeito cascata, em amplos setores da sociedade e em todo mundo. Primeiro terá um efeito positivo na igreja, para que os agentes de pastorais, padres e leigos, religiosos em geral, preocupem-se mais com a agroecologia, dominem os conceitos. Eles nos ajudarão a difundir esses conceitos e necessidade entre o povo, com toda a capilaridade e influência social que as igrejas cristãs têm entre o povo brasileiro, latino-americano, e em todo ocidente. Para compreender os conceitos a encíclica do Papa Francisco já é um bom começo.

Este posicionamento da autoridade moral do Papa nos dará força nos embates com os governos conservadores e pró-agronegócio, e também com os organismos internacionais. Assim, a posição do Papa Francisco condiz com seu



patrono Francisco de Assis, e será uma contribuição gigantesca para que a agroecologia transforme-se em hegemônica na agricultura do mundo. Por isso, a mídia burguesa, e as universidades, que estão totalmente a serviço do capital e do seu modelo de agronegócio, calaram diante da encíclica porque sabem, que é uma paulada nas suas pretensões de expansão, e ela servira de instrumento pedagógico a todos camponeses os do mundo.

Vocês podem imaginar um texto dessa profundidade já estar traduzido para todos os idiomas do mundo, sendo lido, estudado por milhões de agentes de pastorais em todo mundo?

Apesar deste sinal enviado pelo Papa, ainda vivemos num momento em que o agronegócio tem hegemonia no Brasil, pela aliança que se formou entre grandes proprietários de terra, empresas transnacionais e a mídia burguesa. E eles têm controle político de seus representantes no Congresso Nacional, no Poder Judiciário, no Governo Federal e em muitos governos estaduais.

Porem, de nosso lado, temos a natureza, a palavra do Papa e uma crescente consciência na sociedade urbana entre as classes medias, que já não querem mais consumir produtos com agrotóxicos. E o agronegócio com seu monocultivo burro, além de destruir a natureza, só consegue produzir com venenos. E os venenos matam a biodiversidade e afetam a saúde dos seres humanos, com a disseminação de muitas doenças, sobretudo do câncer, que vai destruindo as células, através do acúmulo dos venenos no organismo. E o câncer é democrático, pega os representantes do agronegócio também.

É crescente a consciência, no mundo acadêmico, na mídia alternativa e nos setores de classe média, em prol da agroecologia. A tendência é irmos aumentando, afinal, a verdade a história e a natureza estão de nosso lado, e dia a dia vamos aumentando a influência, apesar da força do poder do capital.

Apesar do atual contexto, é fundamental que avancemos na perspectiva da efetivação de um programa de reforma agrária popular, ou da via campesina, ou do modelo de agricultura familiar, que são várias expressões de um mesmo projeto. Um projeto que reorganiza a produção agrícola para as necessidades de todo povo, e sob controle dos agricultores familiares e camponeses. Esse projeto ainda é um roteiro, é um ideal que todos os dias devemos perseguir. Porém, sabemos que sua aplicação prática começa pela consciência dos camponeses e vai-se ampliando na sociedade e nos governos. E, algum dia, será aplicado pela conjugação de forças políticas de governos populares com movimentos camponeses.

Aqui, no Brasil, apesar do agronegócio ainda ser hegemônico, não significa que seja eterno, nem que seja verdadeiro. A ditadura militar também era hegemônica durante 20 anos, e todo mundo ficavam “puxando saco dos militares” que controlavam tudo. Um dia o povo se levantou e a ditadura acabou. Assim será com o agronegócio. O principal é seguir todos os dias na luta até a vitória final!

Organizado por Amaro Korb Rabelo e Janete Rosane Fabro



# Valdir Pereira Duarte

## LUTADOR DO POVO!

**V**aldir nasceu em 04 de novembro de 1958, em Severiano de Almeida, região do Alto Uruguai, no Rio Grande do Sul. Mudou-se para o Paraná na década de 80, onde casou-se com Judite Beatriz Walker, companheira de todas as horas e tiveram a filha Angelita e o filho Leandro. Sujeito simples e humilde, que devotava amor, companheirismo e carinho incondicional por toda a família, amigos e companheiros. Valdir trazia sempre muita alegria, sabedoria e conhecimento a todos os lugares.

Valdir, lutador do povo, amava imensamente a vida, mantendo o Socialismo como horizonte de um mundo justo para todos os trabalhadores, irreparável militante e intelectual da classe trabalhadora. Afirmava sempre ser preciso historicizar os processos vividos, para entender o presente e projetar o futuro: quando se consegue mudar a própria prática traduzindo o que se aprende, criando um método de trabalho.

Com a motivação da luta pela terra, nos anos 80, iniciou seu trabalho em, Turvo/PR, na organização de grupos de jovens e movimentos sociais. Depois disso, trabalhou com a Formação de Professores e com a organização do sindicalismo combativo na região Sudoeste do Paraná. Iniciou o trabalho na Assesoar em 1986, quando se apresentava a necessidade de dar-lhe uma identidade de classe, unindo seu potencial institucional às lutas que surgiam na região. A partir daí, o Associativismo, as Oposições Sindicais, a luta pela Agricultura Alternativa, formação de lideranças,

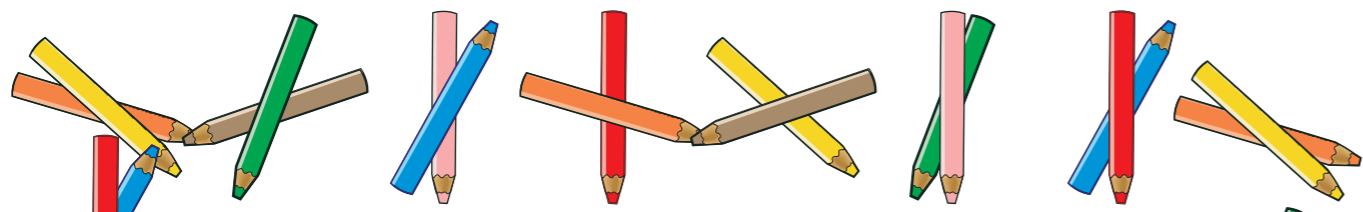
organização e fortalecimento de movimentos sociais, Comunidades Eclesiais de Base, Escolas Comunitárias de Agricultores, luta por Políticas Públicas, Projeto Vida na Roça, Educação Popular, Sistematização, Formação Política, entre outros processos formais e informais, contaram com as contribuições de Valdir. Processos que também ajudaram na organização de outras instituições, além de fortalecer a Assesoar em articulações no Brasil e na América Latina.

Em sua tese de doutorado, no contato com os agricultores da região Sudoeste do Paraná, Valdir identificou “fraturas morais e de classe”, com um individualismo acentuado, onde as saídas ainda não estão presente no coletivo e na organização de classe. Sua obra intitulada “A ECOLOGIA COMO IDEOLOGIA: Os Pequenos Agricultores no Sudoeste do Paraná – Brasil, Nuances”,

traz análises que permitem os apontamentos para construção de novos processos com a classe trabalhadora da região. Assim, Valdir Duarte sempre foi um sujeito da classe trabalhadora, lutando com ela para construir uma sociedade justa e livre de qualquer tipo de alienação e exploração.

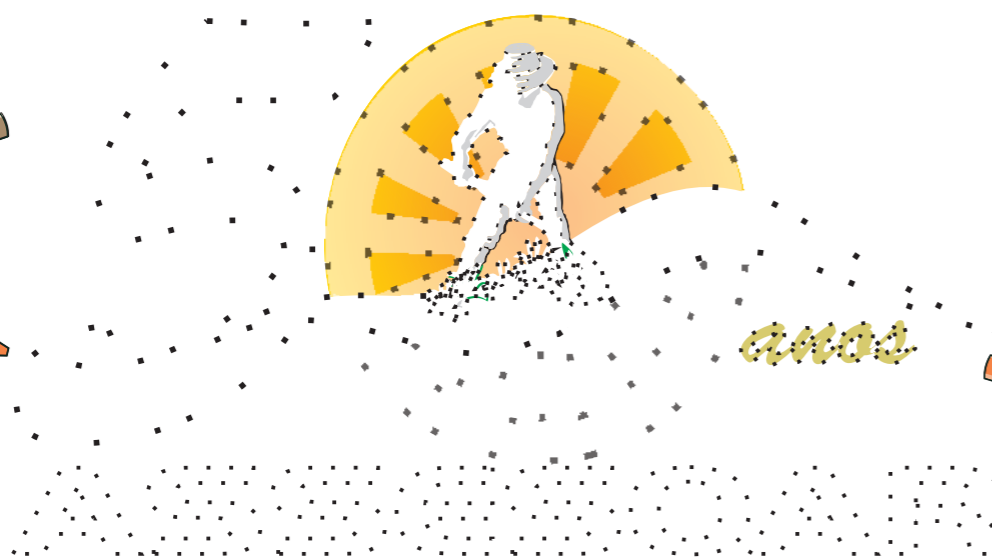
Valdir, amigo, formador, camarada de todas as horas. Você vai estar sempre em nossos corAções. Que consigamos assumir seu legado!

Equipe e Direção da Assesoar



Brincar com desenho pontilhado, é importante para coordenação motora, atenção, concentração, percepção visual ... para crianças e adultos.

Ligue os pontinhos, descubra o que é o desenho e vamos colorir !!!!



Por Suzana Gotardo de Meira e Janaina Aparecida Faligurski da Silva

# TEMPO DE BRINCAR



Este sorriso esconde 10 palavras extraídas do *texto*:  
**A crise é do capitalismo e não da classe trabalhadora.**  
 De trás para frente, de frente para trás, vertical, transversal e horizontal...  
 Vamos descobrir onde elas estão?



- CAPITALISMO
- TRABALHADORES
- BURGUESIA
- DIREITOS
- DEMOCRACIA
- INVESTIMENTOS
- FORMAÇÃO
- CRISE
- REFORMA
- ESTRATÉGIA

# CARTA INIGMÁTICA

**80%** DO  - JAV+ MENTO DA HUMAN+

, MI+  -TRI,  - C +Z,  E

GOSTO DA  - ROÇA+NE DE 

 -SUR, POIS, TO+  - DA SE 

- QUETE+ E , OU SEJA, A ,  -

MINE+  -O+ S.



 - C SE **Red** + UZIU EM:

 - VETE +  - L. **NÃO** HÁ  NO

E  PRODUZIDOS  -TA UMA EM+

JAV + MENTAM DA  -A +MA 

A+MOS GRU+  -SA DE VITAMINAS E

